

Magnífica Reitora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professora Denise Pires de Carvalho;

Magnífico Vice-Reitor, Professor Carlos Frederico Leão Rocha;

Exma. Sra. Vice-Decana do Centro de Ciências da Saúde, Professora Russolina Zingali;

Exmo. Senhor Diretor do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, Professor Bruno Lourenço Diaz;

Meus Senhores e minhas Senhoras.

Hoje é um dia de júbilo. Walter Araujo Zin será empossado como Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, certamente o título máximo e uma das mais importantes honrarias na carreira de um professor universitário.

No início de 2001, o querido e saudoso Darcy Fontoura de Almeida, então Professor Titular da UFRJ, convidou-me para recebe-lo, em nome da congregação, quando da sua posse como Professor Emérito desta Universidade.

Na ocasião, além do convite, perguntou-me qual era o meu manequim de beca. Eu, absolutamente atordoado pela honraria do convite e, na certeza absoluta de que ficaria apertado na beca, qualquer que fosse o meu manequim, porque estaria inchado de orgulho e de satisfação pela lembrança, imediatamente aceitei o convite.

Há algumas semanas, ao receber o mesmo convite do Walter, que me disse ao telefone: “é rapidinho; queria te convidar para me receber na minha posse”, senti o mesmo atordoamento com a honra do convite. Apesar de já saber qual o meu manequim de beca, sinto-me de novo apertado pelo inchaço do orgulho e da satisfação de estar aqui.

Agradeço de público, com muita emoção e alegria.

Esta solenidade se reveste de um caráter excepcional: é a primeira cerimônia de posse de Professor Emérito presidida pela nossa recém empossada reitora, a Professora Denise Pires de Carvalho.

Um toque pessoal: na cerimônia de posse da Professora Denise, percebi que no rito de troca das capas, pela primeira vez na história quase centenária da UFRJ, a capa branca, prerrogativa exclusiva do reitor e seu vice, ao ser colocada em substituição à verde, usada até então pela Professora Denise, encobriu um lindo colar de pérolas, ao invés de uma sisuda gravata.

Ambos, o homenageado e a reitora são oriundos do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho. Não é por acaso. É mais um exemplo da pujança da instituição criada pelo nosso saudoso patrono.

E aqui eu cito Paulo Gadelha pesquisador e ex Presidente da Fundação Instituto Oswaldo Cruz:

“Ao criar o Instituto de Biofísica, que hoje muito merecidamente leva o seu nome, o Professor Chagas fez muito mais que fundar um instituto de pesquisa e ensino; ele mudou a universidade brasileira, ao inverter a cultura vigente na Faculdade de Medicina de então e colocar o método científico como o definidor das práticas de ensino, antecipando com rara clarividência a importância de dois conceitos fundamentais do exercício da pesquisa: o da liberdade acadêmica, e o da interdisciplinaridade”.

Como o Professor Chagas estaria feliz e orgulhoso, se estivesse aqui entre nós! Dentre muitas outras qualidades, rejubilar-se com o sucesso acadêmico de membros do Instituto era certamente uma das suas marcas. Sem sua inspiração e sem suas lições de vida, muitos de nós não estaríamos hoje aqui.

Em homenagem a esta ocasião tão especial e por descrever, há mais de sessenta anos, de uma forma tão bonita e carinhosa, o significado do que está ocorrendo aqui, neste exato momento, transcrevo a saudação feita pelo Prof. Chagas, em Outubro de 1953, por ocasião da outorga do título de Doutor Honoris Causa da Universidade do Brasil a Archibald Vivian Hill, prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1922. Já fiz esta referência em ocasião anterior e assim peço desculpas àqueles que já a ouviram.

Garanto porem que vale a pena ouvir de novo. É uma rara lição sobre o papel da Universidade.

“São dias de júbilo, estes nos quais a Universidade, reunida a sua Assembleia, faz entrega aos eleitos, de seus títulos honoríficos. Nestas ocasiões cumpre ela com uma de suas mais nobres missões em relação aos seus objetivos, ao seu corpo docente, à sociedade, pois na verdade não realiza nestes atos simples homenagem pessoal, por mais merecida, mas muito mais, pois procura, na reverência de tal manifestação, no acerto com que realiza a sua escolha, indicar a sua aprovação a um ideal, seu aplauso a uma tendência espiritual, o seu entusiasmo por uma conduta humana. Assim, transcendem eles de meros eventos da rotina de nossa vida universitária, para assumirem, na simplicidade desta cerimônia, significação de todo especial. Trata-se na verdade de momento em que, ao apontarmos um exemplo à nossa mocidade, definimos mais do que em qualquer ocasião, nossa posição, nossos ideais e nossas responsabilidades.”

Pois é. Estamos aqui neste momento, reunidos, para no acerto da presente escolha, indicarmos a aprovação da universidade a um ideal, o seu entusiasmo por uma conduta e, mais do que em qualquer ocasião, nossa posição, nossos ideais e nossas responsabilidades.

E quais são as nossas responsabilidades? Certamente a de não perdermos a perspectiva de que tempos preocupantes e menos jubilosos pairam no horizonte.

A cultura em geral, e aí incluídas a ciência e a universidade, não gozam, no atual momento, da mesma prioridade que outros temas menos vitais para a garantia do pleno desenvolvimento e da soberania nacional. São exemplos significativos a tentativa de desmoralização da ciência, contestando dados científicos sobre a real situação do desmatamento da Amazônia e da agressão e exoneração do diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o INPE, uma das mais respeitadas instituições de pesquisa do país.

Também é exemplo o lançamento açodado de um programa de reformulação completa da estrutura das Instituições Federais de Ensino Superior, as IFES, uma das joias da coroa do nosso sistema de ensino público e de qualidade, sem a prévia consulta aos reitores dessas instituições, com prazos muito curtos para as audiências públicas, e sem o respeito a algumas cláusulas pétreas que, cito, “antecedem a possibilidade de adesão a esse ou a qualquer outro programa”.

Cito esta frase que foi tirada de nota emitida pelas IFES do Rio de Janeiro e subscrita, entre outros, também pela nossa Reitora.

Estes são exemplos da dimensão do trabalho que vem pela frente e que nos remetem de volta às nossas responsabilidades.

Em agosto de 2013, em pleno movimento das ruas em nosso país e que um cronista da época colocou de forma ainda absolutamente atual:

“as pessoas estão fartas do governo e da oposição, da corrupção e da impunidade, da arrogância e do cinismo, da soberba e do descaso”.

Em meu discurso de posse como Emérito desta casa eu dizia: é preciso lutar com todas as nossas forças e com toda a nossa convicção pela preservação de três das mais bem sucedidas criações do homem: a Universidade, a Ciência, e a Democracia.

As três escoram-se nos mesmos princípios, nos mesmos pilares. Com base, pois, nestes princípios compartilhados, é natural que se estabeleça entre estes três campos da atuação humana um processo de trocas e fertilizações mútuas e recíprocas, pautado por um intercâmbio de ideias e valores que é essencial ao seu contínuo amadurecimento e aperfeiçoamento.

Eis porque uma ciência livre de amarras e uma Universidade em pleno gozo de sua autonomia encontram terreno muito mais fértil em um regime de liberdade democrática.

Se o aparelhamento ideológico na Universidade e na Ciência é indesejável na medida em que desvirtua uma escala de valores baseada no mérito acadêmico e, com isso, põe em risco sua própria razão de existir, da mesma forma, no estado democrático, o mérito das instituições e dos indivíduos que as operam deve ser única e exclusivamente decorrência da sua capacidade de escutar, entender e responder aos interesses e anseios da sociedade.

A meu ver, esta continua sendo a nossa pauta e a nossa responsabilidade.

É de certa forma desalentadora a percepção de como caminhamos em círculos nos quais marcos que quebram barreiras importantes na ciência e na educação são eventos raros.

Mas, voltando aos momentos de júbilo, volto também à minha responsabilidade em uma cerimônia de outorga de um título conferido pelo Conselho Universitário. No meu entender, o título de emérito é conferido a professor universitário pela excelência do conjunto da sua obra no ensino e na pesquisa, e no seu ilibado comportamento ético e moral. É portanto título outorgado ao profissional e ao humanista cuja trajetória de vida vem sendo construída alicerçada em valores inquestionáveis.

Certamente o Professor Walter Araújo Zin preenche estes requisitos. Não me limitarei a descrever os méritos do cientista e professor mas descreverei também os do ser humano, colega e querido amigo, cuja convivência e intimidade vem progressivamente se estreitando.

Começo pela descrição que o próprio Professor Walter Zin fez da sua atividade de pesquisa e que reproduzi do seu discurso de posse como Membro Titular da Academia Nacional de Medicina.

Na ocasião o Professor Walter foi recebido por membro da secção de cirurgia da Academia Nacional de Medicina, seu contemporâneo na Faculdade de Medicina e hoje um eminente cirurgião, o Dr. Ricardo Cruz. Cito então o Professor Walter:

“... encetamos nossas trajetórias quase simultaneamente por caminhos paralelos, e deveras semelhantes: monitores de cadeiras básicas. Vossa Excelência da Anatomia e eu da Fisiologia. Ambos por um lustro, até nossas formaturas. Habitamos corredores vizinhos do mesmo teto por alguns anos e quis a vida que nos encontrássemos aqui, em nossa Academia.

A partir do final do Curso Médico, o paralelismo evanesceu, perseguimos nossas tendências. Todavia, algo ainda nos unia, embora àquele tempo não o soubéssemos: a busca incansável pela obra bem realizada, o caminho reto, as ações precisas. O vosso escopo de atuação almeja reparar, nos mínimos detalhes e com precisão e arte, a alma sofrida do ser humano marcado pelas inclemências da vida. O meu exige o mesmo rigor no desenho de um projeto de pesquisa, na execução do protocolo experimental, na interpretação dos dados. Não nos permitimos malbaratar tempo nem diligência para executar nossos desígnios, a precisão impera e exige mais e mais de nós, aliada ao conhecimento científico alucinantemente crescente, produto da evolução malthusiana do mundo digital. Filosoficamente, nossos objetivos se fazem idênticos, assim como os meios para atingi-los. Divergimos nas ferramentas utilizadas, tão somente”.

Esta descrição, tão minuciosa e detalhada do exercício da pesquisa biomédica, além de nos dar uma clara ideia de quão lúdica e bela é a sua prática, põe por terra a crença de que a ciência e a tecnologia desumanizam a medicina. Nada mais falso: os objetivos e os meios para atingi-los são os mesmos. Divergem apenas nas ferramentas utilizadas.

A pesquisa e a prática médica são apenas formas diferentes de expressão do humanismo e da criatividade do ser humano. Volto a citar o nosso patrono Carlos Chagas Filho no seu livro *Um Aprendiz de Ciência*, referindo-se a José Carneiro Felipe, pesquisador, na época, do Instituto Oswaldo Cruz:

“Acordei com Felipe o conceito de que a ciência é uma parte da filosofia, aquela que cuida do meio em que vive o homem, das relações entre os seres vivos e da sua evolução. Por ser, na verdade, uma emanção através do consciente de intuições do inconsciente e da alma do ser humano, a ciência, por isso mesmo se conjuga, no quadro das realizações humanas, com a arte e todos os momentos de criatividade”.

Conheci Walter Zin ainda na sua iniciação científica.

Também “habitamos corredores vizinhos do mesmo teto” tanto na Praia Vermelha quanto no Fundão. Eu já trabalhando no Instituto de Biofísica, ele calouro da Faculdade Nacional de Medicina, hoje Faculdade de Medicina da UFRJ.

Sempre se destacando entre seus pares, ainda estudante, o Walter se encantou pela ciência, pelo seu orientador, o Professor Ayres da Fonseca Costa, responsável por toda a sua formação, desde a Iniciação Científica até a Pós Graduação, e pela sua paixão da vida toda, a Fisiologia da Respiração. Walter descreve o Professor Ayres como “um exímio formador de pessoal altamente qualificado”.

De fato, muitos dos orientados do Prof. Ayres Fonseca Costa fizeram carreiras brilhantes.

Alguns deles estão hoje presentes nesta cerimônia, como a Professora Eliete Bouskelá e o Professor Antônio Egydio Nardi.

Walter vivenciou durante a Iniciação Científica a mudança do prédio da Praia Vermelha, descrito por ele como “tragicamente abatido pela fúria irascível dos iconoclastas nacionais”, para o prédio do Centro das Ciências da Saúde na Ilha do Fundão.

Esta mudança deixou em Walter uma profunda marca de nostalgia assim colocada:

“Do octógono da Praia Vermelha passamos ao isolacionismo dos blocos do Centro de Ciências da Saúde; aquele jardim central, que tantas conversas ouvira, não conseguiu ser igualado por nenhum dos canteiros de ervas daninhas. De uma coisa tenho orgulho: guardo comigo a chave etiquetada do anfiteatro de fisiologia da antiga Faculdade de Medicina. Parece que neste objeto ficou todo o calor humano do passado”.

A destruição do prédio da Praia Vermelha é, de fato, uma das mais trágicas manifestações do nosso subdesenvolvimento cultural.

Walter graduou-se em 1975 tendo sido agraciado com o “Prêmio Universidade Federal do Rio de Janeiro” por ocupar o 9^o lugar na classificação final do curso médico. Diferente de vários outros estudantes de medicina, apesar de muito ativo e produtivo na sua atividade de iniciação científica, Walter apaixonou-se pelo trabalho nas enfermarias de clínica médica e como plantonista em serviços de emergência geral e de obstetrícia.

Sobre o seu estágio no Serviço do Professor Lopes Pontes no Hospital Escola São Francisco de Assis, Walter confessa: “Vivi com médicos que muito me impressionaram. Eu era um “rato de enfermaria”. Quase fiquei por lá”.

Continuo citando Walter:

“Essa boa formação médica estabeleceu firmes alicerces para minha futura pesquisa, em grande parte dedicada à Fisiopatologia e direcionada, finalmente, à melhora da condição clínica do paciente”.

Walter é portanto, um dos precursores da Medicina Translacional.

Durante o seu doutoramento, Walter, depois de ter sido aprovado em primeiro lugar em um concurso para Professor Assistente de Fisiologia na UFRJ, parte para um estágio na McGill University em Montreal, antes mesmo da existência do conceito e da criação do programa oficial de bolsas sanduiche. Walter foi portanto também um dos precursores da Bolsa Sanduiche.

Ao fim de um estágio extremamente bem sucedido na McGill, volta ao Brasil, defende a sua tese de doutoramento e estabelece uma colaboração muito produtiva, durante anos, com o seu mentor na McGill, o Prof. Dr. Joseph Milic-Emili.

De volta ao Brasil, alia à sua brilhante carreira científica uma muito bem sucedida atividade docente. Para exemplificar o seu sucesso como professor, basta lembrar que Walter foi escolhido paraninfo da turma de formandos de 1987 da Faculdade de Medicina da UFRJ.

Ser paraninfo de uma turma é distinção impar na carreira de um docente. Esta distinção se torna ainda mais relevante quando se trata de um professor do ciclo básico de uma faculdade de medicina, na qual os estudantes são, com muito mais frequência, marcados nas suas carreiras por professores com os quais conviveram já no exercício da relação médico/paciente.

Esta turma de 87 que escolheu o Walter como paraninfo tem algo de especial: nela se formou a nossa atual reitora, a Profa. Denise Pires de Carvalho. O que confere excepcionalidade a algumas turmas de formandos é ainda assunto não resolvido pelas ciências sociais.

Como já mencionei há pouco, eu conheci o Walter em um momento muito bem definido: quando do seu ingresso na faculdade de medicina.

No entanto eu o descobri mais tarde, em circunstâncias e momento menos precisos e, ao longo do tempo a nossa amizade e a nossa intimidade só fazem amadurecer e se aprofundar.

Ortega y Gasset, em momento de memorável inspiração, afirmou: “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim”.

Descobrir o Walter, portanto, significa também descobrir e se ligar afetivamente à sua família.

São três gerações de médicos e pesquisadores, vivendo em harmonia rara de se vivenciar em um clima de muito amor, respeito e carinho.

Quando o seu pai, o também Dr. Walter Zin, nos deixou recentemente, aos 98 anos de idade, cercado de todos os cuidados e do afeto familiar, a passagem da tristeza pela sua ausência para as saudades dos momentos felizes que viveram juntos foi muito tranquila e serena.

Sua mãe, Candida Augusta, a Dra. Candida, aqui presente, continua cercada do carinho e apoio de todos.

Sua irmã Lis, cirurgiã de mãos, está há anos radicada nos Estados Unidos.

Sua mulher, Andrea Zin, “mulher da minha vida”, segundo o Walter, é dotada de uma empatia, simpatia, liderança e capacidade de agregação de pessoas raramente vistas. A Dra. Andrea, referência de qualidade em oftalmologia pediátrica, desenvolve com colegas do IBOL e do Instituto Fernandes Figueira, um projeto em catarata infantil, de enorme valor médico e social. A sala de espera do seu consultório é ponto de encontro de crianças, muitas delas vestidas de batman, branca de neve e homem aranha, felicíssimas por estarem agora enxergando melhor o mundo. Também é ponto de encontro de médicos e dos seus familiares. Andrea trata dos olhos de todos eles.

As duas filhas de Walter e Andrea, Emilia e Olivia trilham com muito sucesso os diferentes caminhos que cada uma delas construiu para as respectivas carreiras, Emilia voltada para a pesquisa e Olivia para a prática clínica.

O próprio Walter afirma em seu memorial à Academia Nacional de Medicina: “Minha família constitui-se em uma base sólida de apoio e inspiração para minha vida”.

Para encerrar, sem enumerar os dados curriculares que constam de seu Lattes, destacarei de forma abreviada, premido pelo tempo e pela dimensão do seu currículo, alguns marcos da sua exitosa carreira acadêmica.

Walter é, ou foi:

- Liderança internacional na pesquisa, no ensino e na gestão científica em fisiologia da respiração, com uma obra de enorme solidez e consistência, em colaboração com inúmeros grupos e instituições de pesquisa no país e no exterior, tendo publicado mais de 250 artigos plenos, em revistas de alto impacto, dezenas de capítulos de livros e centenas de participações e de resumos de apresentações em congressos e muito mais.
- Chefe do Laboratório de Fisiologia da Respiração do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho
- Professor Titular do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho

- Diretor do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho
- Pesquisador 1A do CNPq
- Cientista do Nosso Estado da FAPERJ
- Comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico da Presidência da República
- Membro Titular da Academia Nacional de Medicina
- Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências
- Vice-Presidente e Presidente da Sociedade Brasileira de Fisiologia
- Vice-Presidente e Presidente da Federação das Sociedades de Biologia Experimental
- Membro Emérito da American Physiological Society

Finalmente, e finalmente mesmo, o Walter mantém intensa colaboração com a Universidade Estadual do Ceará. Cito isso porque, além do inegável valor acadêmico dessa colaboração, as frequentes idas a Fortaleza dão ao Walter a chance de exercer, na sua plenitude, os seus dotes de exímio dançarino de forró.

Este é o Professor que ora recebemos como Emérito desta Universidade. Parabéns ao Walter e parabéns a todos nós.

Muito obrigado.